



Estreia impiedosa

«Por falta de cartas»: um conto de Ferreira de Castro 1917

Bernard Emery

Universidade Grenoble – Alpes (França)

Resumo

Da mesma maneira que o «século de Augusto» em Roma, ou o «século de Luís XIV» na França, não se podem medir apenas pelas matemáticas, os cem anos de produção literária de José Maria Ferreira de Castro, que indicam a data de 1916, mereciam transbordar para o ano seguinte, de maneira a abranger o primeira publicação do romancista em Portugal, o breve conto *Por Falta de Cartas*. Aliás, este texto é notavelmente revelador do período de grande revolta espiritual do jovem estreante e duma temática, a da emigração, prometida a rico futuro... sem esquecer uma intuição já segura, a da literatura.

Palavras-chave: estreia literária, emigração, revolta social, misoginia.

Abstract

In the same way as the "century of Augustus" in Rome or the "century of Louis XIV" in France cannot be measured only in strict arithmetical terms, one hundred years of José Maria Ferreira de Castro's literary production, which indicate the year 1916, deserved to be extended to the following year, so as to cover the novelist's first publication in Portugal, the short tale *Por Falta de Cartas* (For Lack of Letters). In fact, this text is remarkably revealing of the period of great spiritual revolt of the young beginner and of a theme, that of emigration, promised to a rich future ... not to mention an already assured intuition, that of literature.

Keywords: literary debut, emigration, social revolt, misogyny.

1. Um pequeno conto quase desconhecido

O texto de *Por Falta de Cartas* é relativamente curto, inserido numa secção chamada simplesmente «Retalhos», mas muito incisivo e encobrendo uma inesperada violência, bem visível aliás desde o início, no uso de palavras fortes. É a história de um emigrante, o João, que vai para muito longe, de maneira a escapar à miséria e assim «affrontar a sociedade que agora o massacrava» (cf. texto completo em anexo). A partir daí, a mulher chamada Maria, nunca teve a menor notícia do marido: «Nunca mais uma carta lhe fez sentir as commoções que teve á sua partida». Desde logo, considerou-se como viúva, e «sendo nova», casou-se... Além disso, ela teve filhos com o segundo marido, apresentado duma maneira pitoresca como «proprio para ser pae de uma geração inteira». Era de facto uma perfeita felicidade.

No entanto, em certa altura, alguém aparece a bater-lhe na porta: é o tal João, que surge «crestado pelo Sol-ardente das Americas». E o texto acrescenta, sempre com o mesmo vigor nas palavras, que o recém-chegado é agora «rico, prompto a esmagar a putrida sociedade que o havia esmagado» (!).

Nestas condições, a cena só pode virar ao drama, ainda mais quando o João descobre os filhos da Maria «jogando no soallo». Foi ali que «tossiu, puchou os escarros das profundezas do seu organismo, abriu a bocca e atirou-os á cara da mulher voluptuosa (sic)». Com muita calma, depois do supremo ultraje, o novo rico da Califórnia, vai-se embora e «desapparec[e] na primeira travessa».

Este texto, além de ser uma curiosidade bibliográfica quase desconhecida, é interessantíssimo em relação à evolução psicológica e ideológica de Ferreira de Castro durante a sua estadia em Belém do Pará.

2. O reflexo duma época tormentosa na vida de Ferreira de Castro

Naquela altura, o jovem estreante de 18 anos, tinha sido revelado ao público oliveirense, através do seu primeiro romance, *Criminoso por Ambição*, publicado no Brasil, onde se encontrava desde Janeiro de 1911, e já bastante difundido tanto na terra natal, também graças ao jornal *A Opinião*, como na vastíssima Amazónia (Cf Alves, 2016, Emery 1981 [pp. 93-114] e 2016b [pp. 55-64]). O relativo sucesso dessa primeira empresa na carreira das letras deve ter encorajado o principiante a perseverar, usando das boas relações mantidas aparentemente com os donos do jornal *A Opinião* (Emery, 1981, p. 1121-1123).

Mas nestes mesmos anos de 1916-1917, Portugal vai entrar na Primeira Guerra mundial ao lado dos Aliados, o que tornará mais difíceis as relações entre os dois lados do Atlântico. No que lhe diz respeito, o escritor estreante acaba de sair dos momentos mais dramáticos do seu regresso calamitoso a Belém do Pará: já começa a trabalhar como jornalista em vários jornais, dá conferências, torna-se conhecido. No entanto, esta nítida progressão no domínio social faz-se num ambiente de profundo ressentimento, tanto contra a sociedade escravagista dos seringais como contra o «mundo da ostentação», a sociedade fútil dos ricos que se aproveitaram do «boom da borracha» no Brasil.

Tivemos a oportunidade de consultar a agenda do jovem escritor para o ano de 1917, precisamente, hoje conservada no Museu Ferreira de Castro, em Sintra (Emery, 1981, pp. 518-520). É notável que além de muitas notas que se referem à literatura ou à leitura surgem em aparente desordem frases reveladoras, como as seguintes: «... o talento morde o capitalista / Tenho muito lido em casa» (p. 77). Além disso, já desde as páginas «aurorais» de *Criminoso por Ambição*, como foi oportunamente lembrado no IV Encontros Ferreira de Castro (13, 14 e 15 de Maio), é notável a reivindicação de justiça e o ataque frontal contra a sociedade.

Surge a este respeito, no manuscrito do romance uma auto-citação do próprio Ferreira de Castro, inscrita a lápis, que bem parece pertencer a este período: «A sociedade é o lago imundo que com as enxoradas humanas cresce, cresce e transbordando sossobra as margens que amparam o Povo/Castro».

Aliás, as obras romanescas que seguem o primeiro livro acentuam, pela sua virulência, a veia que poderíamos chamar do «homem revoltado». O segundo romance do período de Belém, *Rugas Sociais*, de nome significativo, escrito em 1918, embora incompleto, ou inacabado, prossegue nesta mesma direcção (cf. Emery, 1981, pp. 535-544) e pelo pouco que se saiba de outro volume chamado *Vinagre Concentrado*, infelizmente perdido, ou destruído, mas da mesma época, a diatribe contra a sociedade devia ser pior ainda.

Portanto, o tal João, embora tivesse sorte e saísse rico da Califórnia, continua a ser também outro homem revoltado «prompto a esmagar a putrida sociedade que o havia esmagado...» Isso explica também a sua reacção impiedosa frente a Maria. Há ali uma perfeita continuidade de inspiração... E no fim dos fins, como se poderia dizer, nem nos esqueçamos que, ao nível internacional, 1917 é o ano da Revolução bolchevista russa, o maior abalo do século, antes de outros talvez mais profundos ainda.

3. O cruel dilema da emigração

Mas a questão de fundo continua a ser a da emigração: pode-se dizer que *Por Falta de Cartas* é um panfleto contra a emigração, ligada fundamentalmente à miséria e à injustiça social. Ferreira de Castro, embora seja talvez um dos mais famosos emigrantes de Portugal, nunca foi grande amigo da emigração como fenómeno social, tanto por experiência própria como por razões filosóficas e psicológicas mais profundas. A personagem paradigmática de Manuel da Bouça, o triste herói de *Emigrantes* (e de *A Lã e a Neve*) está ali para o provar.

Sobre o debate de fundo, emigrar ou não emigrar, bem sabemos, após um estudo pormenorizado, que a própria emigração de Ferreira de Castro, globalmente falhada ao nível económico, mas fulgurante de riqueza em matéria de literatura, não foi directamente ligada à miséria, mas resultante duma combinação complexa de diversos factores pessoais e contingentes. É coisa hoje bem assente que o jovem de Ossela tentou fazer fortuna no comércio, no seio da comunidade portuguesa de Belém, gente abastada e enriquecida pelo famoso «boom da borracha». Várias circunstâncias, e com certeza o carácter rebelde e orgulhoso do jovem, decidiram de outra maneira.

No caso que nos interessa, o de *Por Falta de Cartas*, o João odeia a sociedade porque foi ela que o obrigou a emigrar, perdendo assim a mulher, como o coitado do Simão, em *Criminoso por Ambição*, que já tinha noiva tão meiga e tão bonita, e que por pouco a perdeu por causa de se ter afastado para ganhar a vida. Mas a história do primeiro aludido, o João, desemboca numa outra problemática bastante interessante, a do lugar de emigração. Embora não haja estatística certa sobre a questão, na visão de Ferreira de Castro, o «Americano», quer dizer aquele que foi para os Estados Unidos, regressa rico, e o «Brasileiro», que foi para a «Terra do papagaios», ou seja o Brasil, regressa pobre. Aludimos a Manuel da Bouça, paradigmático, mas este tem um irmão nessa maldita corporação dos emigrantes sem sorte, é o Artur Lopes, de *Terra Fria*. Aliás, neste grande romance, o Lopes é a antítese perfeita do bem-sucedido Joaquim Santiago, que também, como o João, enriqueceu na América do Norte.

Nessas condições, é notável a correlação que se estabelece entre o aspecto económico e o critério moral. Qualquer que seja a opinião do leitor sobre a relação entre Ermelinda, heroína feminina de *Terra*

Fria, e o já aludido Joaquim, verdadeiro amor traído ou simples escravidão sexual, é evidente que a figura do ricoço Santiago, na globalidade, não é nada simpática. Certa monstruosidade na reacção do João de *Por Falta de Cartas* não é portanto estrangeira à mentalidade do «pato bravo», que não sabe de maneira nenhuma o que é ter escrúpulos e respeito para a os outros. O orgulho do vencedor é uma deriva terrível.

4. O homem revoltado e a diegese do regresso inesperado

Como já indicámos, ao referir-nos às condições mentais nas quais se encontrava Ferreira de Castro ao escrever o continho das cartas, por assim dizer, talvez se pudesse amenizar a avaliação moral nada positiva, que se deve aplicar necessariamente tanto ao Joaquim como ao João. Mas é também oportuno lembrar que tudo isso não é nada mais que matéria literária. E é ali que o futuro (grande) escritor sentiu perfeitamente a riqueza dramática da situação. Talvez ele já soubesse, ou tivesse consciência, dos exemplos mais célebres nessa matéria: o paradigma mítico, ou seja o regresso de Ulisses a Itaca, e a obra-prima da literatura portuguesa que foi o *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett. Mas, mesmo se fosse imitação, é a prova dum rico sentido da encenação dramática, já sensível aliás, muitas vezes com menos acerto talvez, em *Criminoso por Ambição*.

A solução adoptada, que dá um relevo particularmente vivo ao desfecho, é a da violência contida, mas altamente simbólica, da revolta sem perdão, do desprezo total e grandiloquente. Notemos, de passagem, que Carlos de Oliveira retomou, em 1953, a mesma receita literária, aliás de raspão, em *Uma Abelha na Chuva*, tratando-a apenas duma maneira irónica e saborosamente sarcástica.

Mas então, podemos acrescentar, o que é que se pode dizer da personagem da Maria, a mulher, que, no fundo, não incorreu, que se saiba, na única culpa fundamental no desenvolvimento da história, a de nunca ter dado nenhum sinal de vida?

5. A questão «palpitante» da misoginia versus feminismo

Entramos ali num debate particularmente interessante no caso de Ferreira de Castro, que oscilou, em particular nesse período movimentado da juventude, entre posições bastante contraditórias. Sem a menor dúvida, sedutor e apaixonado, ele sempre marcou certa condescendência, ou mesmo comiseração, em relação às mulheres (cf. a famosa caixa das cartas de amor [Emery, 2016b, p. 61]), com laivos de indubitável machismo. No entanto, o conto *Por Falta de Cartas* é a única oportunidade, do nosso conhecimento, em que surge uma atitude de franca misoginia.

E o caso é ainda mais curioso, já que no ano de 1918, o escritor principiante estreou-se também no teatro, com uma peça, chamada *O Rapto*, encenada, a 29 de Agosto, no Teatro Bar Paraense de Belém. Ora, em *O Rapto*, o dramaturgo adopta posições nitidamente feministas, ligadas à contestação global da sociedade e à proclamação da liberdade da mulher. Deparamos, por exemplo, nesta réplica de outra moça também chamada Beatriz (cf. *Criminoso por Ambição*) com esta bela e forte declaração: «Não vou fugir à felicidade para dar satisfações a uma sociedade torpe que faz ao mesmo tempo da mulher uma boneca e um escravo!» (f.4).

A questão, bastante complexa, talvez merecesse um estudo mais pormenorizado, mas, com certeza, um ano antes, não deve ter faltado no público masculino do jornal *A Opinião*, alguns que muito aprovaram, ou mesmo que se deleitaram da conclusão ex abrupto do relato de *Por Falta de Cartas*.

Conclusão

Saltando, à maneira de conclusão, dos primeiros ensaios até o último grande livro de Ferreira de Castro, *O Instinto Supremo*, podemos dizer que o jovem escritor de Belém do Pará... e de Oliveira de Azeméis, é algo parecido com o Jarbas, personagem revoltada, no citado romance, que se recusa a oferecer aos coitados dos Parintintins, em via de pacificação (sic), uma sociedade podre e injusta.

Outra advertência final: o Castro também fez as pazes, definitivamente, com as mulheres...

Artigues (Provença), 22 de Janeiro de 2017

Referências bibliográficas:

- ALVES, Ricardo António, «‘Fantasia a mais, literatura a menos – mas não de somenos’: Nos 100 anos de *Criminoso por Ambição*, de Ferreira de Castro», C@triana, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016, pp. 40-51 – <http://www.ceferreiradecastro.org/p5.php>
- EMERY, Bernard, «José Maria Ferreira de Castro et le Brésil», tese dactilografada, Aix-en-Provence/Grenoble, 2 vol., 1981. [Existe um exemplar no Museu Ferreira de Castro, Sintra].
- EMERY, Bernard, «*Criminoso por Ambição*, primícias ingénuas duma obra-prima», C@striana, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016a, pp. 32-39 – <http://www.ceferreiradecastro.org/p4.php>
- EMERY, Bernard, «A Utopia humanista e luso-tropical na obra de José Maria Ferreira de Castro», trad. de Olinda Marques, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016b.

Anexo:

POR FALTA DE CARTAS

Sendo pobre, elle foi para muito longe, onde podesse ganhar bastante dinheiro para affrontar a sociedade que agora o massacrava.

Elle, foi, e a Maria, sua mulher, nunca mais soube noticias delle, nunca mais uma carta lhe annunciou a existencia do marido, nunca mais uma carta lhe fez sentir as commoções que teve á sua partida.

Era viuva, podia, portanto, casar-se e casou-se.

O seu marido II era um homem forte, novo, proprio para ser pae de uma geração inteira.

Vieram os filhos.

A felicidade tornou-se completa.

Ninguém mais fallou no pobre João que tinha ido para a California; mas um dia, alguém bate á porta e João apparece crestado pelo Sol-ardente das Americas, mas rico, prompto a esmagar a putrida sociedade que o havia esmagado, e elegantemente vestido, com uma medalha de ouro bimbalhando presa a uma corrente do mesmo metal.

Olhou para a sua ex-mulher que lhe abrira a porta, para os pequenos que brincavam no soalho e comprehendeu tudo.

Tossiu puchou os escarros das profundezas do seu organismo, abriu a bocca e atirou-os á cara da mulher voluptuosa.

Com as mãos nos bolsos da calça, calmo, desceu as escadas e desapareceu na primeira travessa.

(J. M. Ferreira de Castro, in *A Opinião*, Oliveira de Azeméis, 5 de Julho de 1917, p. 2.)

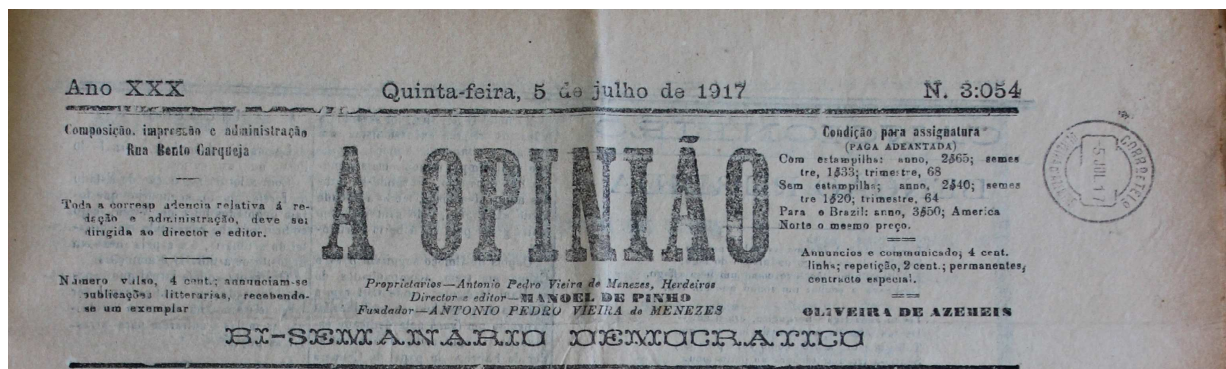


Figura 1 – Título de *A Opinião*, de 5 de Julho de 1917

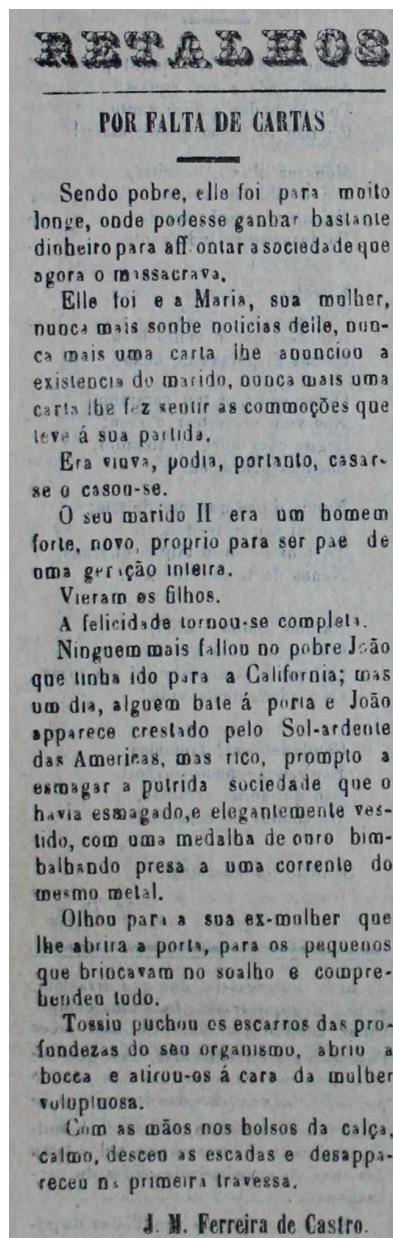


Figura 2 – Conto, *Por Falta de Cartas*